



CSA um mercado alternativo para produção agroecológica no Distrito de Taquaruçu Palmas, Tocantins

CSA an alternative market for agroecological production in the District of Taquaruçu Palmas, Tocantins

BERALDO, Keile Aparecida¹; LIMA, Maria Duringer Jacques de² CHAVES, Jocicleia³

¹ Coordenadora do NEADS/UFT, professora do curso de Ciências Econômicas de do Programa de Pós-graduação em Gestão de Políticas Públicas da Universidade Federal do Tocantins (UFT); e-mail: keile@uft.edu.br; ²Analista Técnica de Políticas Sociais no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA; e-mail: maria.duringer@agricultura.gov.br. Bióloga, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UFT, Produtora Rural e-mail: jocicleiachaves@yahoo.com

Eixo temático: Economias dos sistemas agroalimentares de base agroecológica

Resumo: Este artigo tem o objetivo de apresentar experiência de um grupo consumidores e agricultores em busca de um mercado alternativo, a CSA no Distrito de Taquaruçu Palmas - TO. Para tanto, recorreu-se à pesquisa-ação e a metodologias participativas que priorizam a inovação, a participação e o diálogo entre diferentes atores sociais nas diversas esferas da sociedade. De acordo com os resultados, conclui-se a CSA, mais do que um meio eficiente de comercialização de produtos agroecológicos houve articulação entre o rural e urbano, por meio da legitimação da problemática ambiental, o que ampliou a relação entre o coletivo de agricultores e seus co-agricultores produzindo conhecimento coletivo.

Palavras-chave: Agroecologia; comercialização; economia solidária; CSA.

Keywords: Agroecology. Commercialization. Solidarity economy. CSA

Introdução

Nos últimos anos, o tema da alimentação saudável vem ganhando espaço no Brasil, tanto na mídia quanto no cotidiano da população, e o mercado já notou isso. A demanda por produtos naturais, que impactem menos o meio ambiente, ou que sejam produzidos por empresas socialmente responsáveis, vem aumentando. Para atender a essa crescente demanda, agricultores e consumidores buscam parcerias e formas de se unirem para a produção e o consumo de produtos agroecológicos. Nesse sentido, este trabalho tem o objetivo apresentar uma experiência de consumidores e agricultores que se uniram tentando superar dificuldades para comercialização de produtos agroecológicos no município de Palmas, Tocantins.

Uma das normas instituídas a partir de 2003 – para produção e comercialização de produtos agroecológicos e ou orgânicos – traz a ideia de controle social, algo intrinsecamente vinculado a trabalho associativo (dos produtores), relações de confiança entre produtores e consumidores, papel ativo dos consumidores e funcionamento de instâncias de controle materializadas em Organizações de Controle Social (OCS), grupo criado com o fim de controle, formado por representantes do coletivo de produtores. No entanto, a formação de OCSs não é



em nada simples, exigindo parcerias com instituições de assistência técnica, ensino, pesquisa e extensão e organizações da sociedade civil, além de um alto nível organizacional do grupo de agricultores que a compõe, tornando a proposta ainda inexistente no estado do Tocantins. Nesse sentido ideia de um coletivo com uma maior participação de consumidores em todas as etapas de produção em um espaço que permita mais solidariedade, prosperidade e organização.

Não obstante, a Comunidade Sustenta Agricultura (CSA) pode se apresentar como possível mecanismo de controle social alternativo às conhecidas OCSs. O termo CSA vem da expressão em inglês *Community Supported Agriculture*, que significa Comunidade que Sustenta a Agricultura. Trata-se um modelo de economia solidária em que o agricultor deixa de vender através de intermediários e conta com a participação dos outros membros da CSA, os co-agricultores, para o financiamento da sua produção (MEIRELLES, 2019).

Em estudo recente das CSAs norte americanas, Woods, Ernst e Tropp (2017) demonstraram um elemento interessante para o acesso de produtos agroecológicos a mercados diferenciados: apenas 27% das CSAs ali analisadas possuem algum mecanismo de certificação orgânica, enquanto 92% utilizam ao menos práticas da agricultura orgânica ou biodinâmica. Já nas experiências relatadas por Dubeux et al. (2012) o processo de construção coletiva no nordeste brasileiro observa-se que é difícil juntar pessoas com objetivo de desenvolver práticas de economia solidária, mas que a união, a busca pelo entendimento e o compartilhar é fundamental.

Esses dados nos revelam que as CSAs têm possibilitado a superação de dificuldade que organizações e agricultores enfrentam no acesso aos mecanismos de garantia da qualidade orgânica, ao mesmo tempo em que essa garantia é oferecida pelo controle social, através da relação de proximidade entre agricultores e consumidores que desempenham um papel atuante dentro do processo de construção coletiva de conhecimento sobre o assunto. Diante desse contexto, este trabalho busca responder a seguinte questão: como a CSA pode se tornar uma possibilidade de comercialização aos agricultores familiares no município de Palmas – TO?

Metodologia

Neste trabalho utilizou-se à pesquisa-ação com metodologias participativas que valorizam a inovação, a participação e o diálogo entre diferentes atores sociais nas diversas esferas da sociedade. O empírico da pesquisa trata-se do coletivo de agricultores na região turística de Taquaruçu, distrito de Palmas, formado por três agricultores, com origens diversas, sendo um agrônomo, uma administradora de empresas e outro jornalista, unidos por uma proposta de oferecer alimentos saudáveis a um grupo de consumidores em Palmas, além de garantir a qualidade da alimentação do próprio grupo.

Resultados e Discussão

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



O projeto CSA Babaçu teve seu início em meados do ano de 2018, a princípio em caráter experimental, com o objetivo de promover o diálogo, a construção coletiva de novas práticas em produção sustentável, apoiar as organizações envolvidas na inserção agroecológica e a segurança alimentar, além de consolidar e ampliar ações já existentes entre consumidores que buscam um alimento diferenciado e agricultores familiares, que produzem alimentos em sistemas agroecológicos no distrito de Taquaruçu e outras comunidades localizadas na região de Palmas – TO.

A criação da primeira CSA em Palmas e no Tocantins se deu a partir de uma oficina, promovida pela Comissão de Produção Orgânica do Tocantins (CPOrg-TO) em maio de 2018, como parte da “Campanha de Alimentos Orgânicos¹” de 2018, ministrada por Fernanda Maschietto, co-fundadora da CSA Batata Doce em Brasília, e parte da CSA Brasil. A oficina foi divulgada nas redes sociais para diversos públicos, e contou com 26 participantes dispostos a buscar uma nova forma de consumo coletivo. Ali foram apresentados os princípios da CSA, seu modo de funcionamento, aspectos da organização social colaborativa, e ao final foi lançado o desafio de construção da primeira CSA no Tocantins aos participantes. Em seguida marcou-se uma nova reunião, com mais convidados, decidiu-se que a CSA financiaria a produção do coletivo dos agricultores que participaram da oficina e desta reunião.



Figura 1. Momentos da CSA Babaçu
Fonte: Arquivo autoras (2019).

Após tomada a decisão de que o coletivo da Serra de Taquaruçu forneceria os alimentos da CSA, um grupo de co-produtores realizou visita ao coletivo de agricultores para tratarem dos custos de produção. O custo de produção do coletivo foi dimensionado para atender semanalmente 30 co-agricultores, com 10 itens entre folhas, raízes, frutos e legumes. O processo de planejamento da CSA, incluindo o estabelecimento dos custos de produção, foi muito facilitado pelo fato dos agricultores já terem a prática de planejar seus plantios e trabalhar coletivamente com outros agricultores da região. Destaca-se o apoio constante da co-fundadora da CSA Batata que por e-mails e contatos telefônicos sempre disponível para sanar dúvidas do grupo sobre seu funcionamento.

¹A Campanha de Alimentos Orgânicos se trata de uma iniciativa anual, promovida por organização da sociedade civil e governamentais, no intuito de promover o a conscientização a cerca da da importância de se produzir e consumir alimentos orgânicos e agroecológicos.



A partir daí, foi apresentado o custo de produção do coletivo de agricultores para os co-agricultores da CSA, que se comprometeram a contribuir com suas cotas mensais, durante 6 meses. Em agosto de 2018 a CSA passou a funcionar, com 27 cotas de co-agricultores. Ressalta-se que na CSA os alimentos não têm preço unitário, uma vez que todos os custos são divididos pelos co-agricultores.

Dessa forma fazer parte de uma CSA é se tornar muito mais do que um consumidor ou produtor, que apresentam seus custos de produção e são financiados. Fazer parte de uma CSA é se tornar parte de uma experiência inovadora, onde as relações de confiança, se baseiam em compromissos com forte valorização dos alimentos construindo laços entre os dois lados. A primeira CSA de Palmas foi batizada “CSA Babaçu” levando em conta a valorização das riquezas naturais tocantinenses. Já que os adeptos do movimento CSA buscam no consumo sustentável de frutas, verduras e legumes uma parceria na qual responsabilidades, riscos e benefícios da agricultura passam a ser compartilhados, independente das oscilações do mercado.

A questão da visibilidade da agricultura agroecológica trazida tem a ver com o estado do Tocantins ser o único no Brasil que não apresenta nenhum agricultor no Cadastro Nacional de produtores Orgânicos (CNPO), sendo a inserção nesse cadastro uma das estratégias legitimadas pelo estado, de reconhecimento da agricultura ecológica em suas mais diversas formas, conforme já argumentado. Partindo da premissa de que a certificação orgânica é também uma forma de visibilizar agricultores agroecológicos, seja para seus consumidores diretos, seja para o estado, seja para a sociedade como um todo, pudemos observar que esse o movimento de CSA iniciado em Palmas começou a superar esse desafio.

Surge aí uma relação de confiança mútua, que para além de simples troca econômica, possibilita repensar a relação entre alimentos, economia e sociedade, dentro dos preceitos da economia solidária conforme os relatos de Dubeux (2012). No entanto, tal experiência diferencia-se de grupos de compras coletivas, cooperativas de produção ou serviços de entrega de cestas de produtos; o funcionamento da CSA Babaçu se estruturou em torno do financiamento da produção agrícola atrelada a participação de seus membros na gestão compartilhada da organização.

No caso da CSA Babaçu, optou-se por seguir o modelo de gestão participativa de outra CSA, sendo formado pelas seguintes estruturas: Acolhimento de novos co-agricultores; Apoio no Ponto de Convivência; Comunicação entre grupos e CSA Brasília; Financeiro; Organização de visitas na fazenda e encontros da CSA; e gestão Geral.

Conclusões

Pode-se observar, no caso da CSA aqui analisada, que a articulação entre o rural e urbano, através da relação entre o coletivo de agricultores e seus co-agricultores, se



deu através da legitimação da problemática ambiental. Tal perspectiva é viva no discurso dos co-agricultores, que revelam em suas falas ao longo das reuniões tanto sua busca por alimentos mais saudáveis como pela reaproximação da terra, do campo, da natureza. Dessa forma, a criação de uma CSA em Palmas contribuiu para duas esferas distintas e complementares da transição agroecológica: aproxima os espaços rural e urbano, visibilizando agricultoras e agricultores agroecológicos na região; e fomenta um mercado local de alimentos, produzidos em ecossistemas equilibrados, com tecnologias limpas e a partir de relações socialmente justas.

A formação da CSA Babaçu possibilitou que seus co-agricultores tivessem maior contato não só com agricultores, mas também com práticas agroecológicas de produção e de valorização dos produtos locais, já muitos sequer tinham conhecimento da existência desse tipo de agricultura na região. De maneira mais ampla, a experiência da CSA Babaçu atraiu olhares midiáticos, sendo retratada em 3 reportagens jornalísticas, assistidas por amplo número de pessoas. Nesse sentido, pode-se afirmar que tal experiência foi exitosa, com potencial para trazer benefícios para as duas partes com possibilidades de construção de conhecimentos em economia solidária, para tanto aguarda-se novas pesquisas sobre a temática.

Referências Bibliográficas

DUBEUX, A. MEDEIROS, A. VILAÇA, M. SANTOS, S. **A construção do conhecimento em economia solidária: Sistematização de experiências no chão de trabalho e na vida do Nordeste.** Recife: F&A Gráfica e Editora Ltda, 2012.

FONSECA, M. F. A. C. **A institucionalização dos mercados de orgânicos no mundo e no Brasil: uma interpretação (dissertação).** Seropédica: UFRuralRJ. ICHS. CPDA. 2005. 476p.

MEIRELES, T. **Você já ouviu falar na Comunidade que Sustenta a Agricultura?** Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?65282/CSA-Comunidade-que-Sustenta-a-Agricultura>. Acessado em 23/01/2019

SCHNELL, S. M. **Food with a farmer's face: in the United States Community-Supported Agriculture.** *The Geographical Review* 97 (4): 550-564. Outubro de 2007. Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1931-0846.2007.tb00412.x> Acessado em fevereiro de 2019.

WOODS,T; ERNST, M.; TROPP, D. Community Supported Agriculture – **New Models for Changing Markets.** U.S. Department of Agriculture, Agricultural Marketing Service, Abril 2017. Disponível em: <https://www.ams.usda.gov/publications/content/community-supported-agriculture-new-models-changing-markets>. Acessado em março de 2019.